

IRMANDADES NEGRAS, ZONAS DE NEGOCIAÇÕES E DEMANDAS POLÍTICO-RELIGIOSAS⁴⁰⁴

Renata Nogueira da Silva
PPGAS-UnB
Doutoranda

O objetivo do artigo é analisar as continuidades e descontinuidades nos processos de constituição das irmandades negras como entidades gestoras das práticas congadeiras tomando como referência a etnografia realizada com a irmandade de São Benedito de Ituiutaba (MG) entre 2010 e 2011. A partir de uma revisão bibliográfica da literatura sobre tema faço uma descrição sumária das irmandades negras e, em seguida, analiso as narrativas fundacionais da irmandade de Ituiutaba

Palavras chaves: irmandades negras, negociação, encontro colonial e práticas congadeiras.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo, discuto os modos pelos quais a Irmandade de São Benedito de Ituiutaba, instituição que reúne e organiza os ternos⁴⁰⁵ e suas práticas, se constituiu e se estabeleceu como entidade político-religiosa mediadora das chamadas *causas/demandas/bandeiras negras*, semelhante ao que ocorria no período colonial. As Irmandades Negras foram nichos de socialização nos quais os escravos e seus descendentes organizavam e expressavam com relativa autonomia suas religiosidades: as procissões dos santos de devoção e as cerimônias de coroação dos reis e rainhas, por exemplo.

As inúmeras congregações de leigos criadas no Brasil colonial foram pautadas nas organizações fraternais portuguesas disseminadas na Idade Média. Participar de uma irmandade não estava relacionado apenas à crença, mas era também questão de sobrevivência (Reis, 1991 e Souza, 2001), já que no interior das irmandades vínculos afetivos e alianças eram estabelecidas e acionadas de acordo com as necessidades dos membros.

O projeto colonizador português na esteira dos demais empreendimentos europeus desconsiderava a subjetividade do outro (Américas, Ásia e África) por não corresponder a

⁴⁰⁴ Esse texto é baseado na dissertação “O poder da memória e a negociação da memória do patrimônio: Tradução das práticas congadeiras em tempos de vivificação da ideia de cultura” defendida em 2012 na UnB/DAN.

⁴⁰⁵ Terno (ou guarda) é uma categoria nativa utilizada para identificar os diferentes grupos que compõem a congada: Moçambique, Congos, Catopés, Marinheiros, Caboclinho, Marujo, etc. Geralmente, o terno é composto por pessoas que se concebem como parentes e que possuem laços de amizade e compadrios.

nenhuma das subjetividades hegemônicas da modernidade em construção: o indivíduo e o Estado (Santos, 1994). A dominação e a exploração receberam formas muito diferentes dependendo diretamente dos contextos e de seus protagonistas. *Modus operandi* distintos entraram em contato e se interpenetraram apesar da aparente posição confortável ocupada pelos colonizadores nas relações de poder, e assim, não apenas pessoas e objetos, mas também símbolos e visões de mundo entraram em circulação e se misturaram.

De acordo com a visão de Foucault (1979), o poder não existe, mas sim relações de poder, isto é, formas díspares, heterogêneas, em constante transformação, pois o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Analisar a ação colonial levando em consideração a premissa da capilaridade do poder, tal como defendida por Foucault, implica dar dignidade analítica às zonas de trânsitos e aos processos de negociação desse cenário. Implica, ainda, em conceber os negros na condição de escravos não apenas como indivíduos desterritorializados e dominados por um sistema opressor, mas também, e principalmente, como sujeitos ativos que criam brechas para participação autônoma numa estrutura que se pretende fechada.

Nessa linha de raciocínio em que a possibilidade de uma vida social depende de negociações constantes a noção de situação colonial de Balandier (1993), vem a calhar. Na perspectiva do autor, a questão colonial não deve ser tomada apenas em sua manifestação econômica ou pela polarização entre colonizados/colonizadores; opressor/oprimido, mas como um sistema complexo que envolve dimensões administrativas e ideológicas. Além disso, é preciso considerar que assim como os agentes coloniais e suas estratégias para assimilação e uso do poder não formavam um corpo homogêneo também os ditos colonizados e suas táticas de sobrevivência eram heterogêneas.

Os encontros e as zonas de contato possuem fronteiras culturais frágeis e são perpassados por relações de poder que podem provocar distâncias, proximidades e desigualdades. Em linhas gerais, no caso do projeto colonial português deve-se levar em consideração a força da missão na produção e reprodução das diferenças, pois se trata de um empreendimento sustentado pela união entre Estado e Igreja, uma simbiose que de certa forma tornava os interesses católicos em demandas nacionais. Quando analisamos as

iniciativas de Portugal seja no Brasil, ou em qualquer outro território, é importante ter no horizonte que a fé católica foi parte essencial desse projeto colonizador, uma plataforma que atuou decisivamente na definição das formas e conteúdos dos encontros.

Os estudos de Reis (1996) indicam que os escravocratas perceberam que para o êxito da dominação era preciso combinar a força e a persuasão, assim como os escravos aprenderam que era impossível sobreviver apenas da acomodação ou da revolta. Reis nomeou a fluidez entre acomodação e revolta de *zona de espaço de negociação*. A negociação envolvia não apenas a vida material, mas também a autonomia de organizações e expressões culturais negras, entre as quais se destacam as irmandades de louvor aos santos católicos.

Interpretando as irmandades negras como um produto do encontro colonial, uma zona de trânsito cabe então questionar: Quais as principais celebrações promovidas pelos irmãos e seus significados simbólicos? O que representava para os negros participar de instituições como as irmandades? Quais as continuidades entre os papéis assumidos pelas irmandades no século XIX e as irmandades contemporâneas?

DESENVOLVIMENTO

AS IRMANDADES NEGRAS: SOLIDARIEDADE E SANTOS DE DEVOÇÃO

As irmandades leigas, e aqui destaco as negras, eram instituições regidas por um estatuto⁴⁰⁶ que deixava bem demarcado objetivos, preceitos, obrigações e direitos dos membros da irmandade criando vínculos e gerando segurança entre os associados. Segundo Borges (2005), as irmandades atuavam como organismos controladores e disciplinadores que proibiam, entre outras coisas, o uso exagerado de bebidas alcoólicas, o concubinato e o uso de feitiçaria. No último caso os envolvidos poderiam ser expulsos da agremiação.

Os estatutos, também chamados de compromissos, deveriam ser endossados pelas autoridades eclesiásticas (Quintão, 2002). Esse documento prescritivo orientava as relações dos irmãos e informavam sobre a dinâmica das organizações. As alianças construídas, as taxas cobradas e os sentimentos compartilhados possibilitavam às irmandades atender uma série

⁴⁰⁶ Documento interno produzido de acordo com as especificidades de cada irmandade.

de demandas sociais: auxílio saúde, enterro, sepultura e ainda, amparo à família do ente falecido. O caráter assistencialista estava presente em grande parte das associações leigas do Brasil no período. Entretanto, nas irmandades negras, em que seus membros não tinham suas necessidades básicas garantidas, as práticas de amparo eram mais cultivadas e salientes.

No interior das irmandades, redes de solidariedades eram construídas e nelas os irmãos se socializavam e interagiam não apenas harmonicamente, mas também de forma conflituosa. Os conflitos são formas de interação que possibilitam mudanças e transformações na dinâmica social. Discussões e debate gerado por posições e concepções divergentes, bem como as possíveis concessões e negociações que emanam do dissenso podem reafirmar as redes de solidariedade e afetividade do coletivo ou provocar fissuras momentâneas.

A fé em Nossa Senhora do Rosário, bem como as histórias dos santos negros foram fundamentais na suposta conversão dos negros ao catolicismo. Com ênfase nos milagres, no poder de cura e nas expiações as biografias desses santos foram contadas e recontadas pelos missionários, criando entre os coletivos negros fortes sentimentos de veneração e respeito. Com a expansão ultramarina o culto à Virgem tornou-se bandeira da conquista e dominação portuguesa e funcionou como um elo entre a cruz e a espada. Espalhadas não só em Portugal, mas também pela África, Ásia e América essas confrarias foram fundamentais tanto para o êxito do projeto colonizador de Portugal quanto para sobrevivência (material e espiritual) de muitos coletivos coloniais.

Graças à intensa movimentação de ideias, pessoas e coisas provocada pelo empreendimento colonial, a fé em Nossa Senhora do Rosário geralmente associada às irmandades negras que teve sua gênese em Portugal se estendeu para todo império ganhando novos sentidos e outros formatos. Essas organizações foram espaços privilegiados de convivência no mundo atlântico.

O catolicismo cimentou o elo entre Estado e Igreja e nesse amálgama as procissões e louvores aos santos de devoção eram momentos importantes de manifestação e revigoração da fé como mediadora das interações, já que a religião se apresentava como o núcleo de convivência da sociedade e constituíam uma forma de reunião social (Quintão, 2002). Entre as inúmeras festas que, por um lado, rompiam a rotina do cotidiano e, por outro, marcavam o

ritmo da vida urbana, a coroação dos reis negros, organizada pela irmandade dos negros, tinha destaque. Conforme destaca Perez (2000), a festa – celebrada pela irmandade de mesmo nome e formada somente por negros – articulava-se em torno de uma rainha e de um rei, previamente eleitos entre os membros da irmandade, tendo grande expressividade no território brasileiro.

O fenômeno das irmandades ou confrarias como espaço privilegiado de associação dos leigos permaneceu forte até meados do século XIX. Com o processo de romanização da igreja católica as autoridades eclesiais brasileiras se empenharam na construção de um novo modelo de associação religiosa mais vinculada ao clero (Borges, 2005). E para implementar esse modelo foi necessário transferir o poder religioso dos leigos para os clérigos (Quintão, 2002). Gradativamente as irmandades perderam sua força e a igreja ampliou seu escopo de atuação e reforçou sua influência na vida social através da hierarquia eclesiástica. Tal modelo atingia diretamente os cultos promovidos pelas irmandades, já que essas instituições religiosas eram formadas basicamente por leigos e prezavam pela autonomia. Inúmeros trabalhos (Reis, 1996; Boschi, 1986; Scarano, 1975, entre tantos outros) foram, e ainda são, desenvolvidos sobre irmandades leigas no Brasil Colônia e Império. Instituições como essa, peculiares dos encontros coloniais no Novo Mundo, mobilizavam recursos materiais e simbólicos, além do empenho pessoal e coletivo.

As ambiguidades e heterogeneidades das irmandades negras do período colonial foram bem marcadas nos estudos antropológicos, historiográficos e sociológicos. Entretanto, ainda há pouca discussão sobre as irmandades contemporaneamente. As irmandades perderam a razão de ser a partir do momento em que as políticas públicas atendem os negros também? O estudo das irmandades e seus ternos no século XXI nos permitem entender quais processos sociais?

DAS PRÁTICAS CONGADEIRAS À IRMANDADE DE SÃO BENEDITO: OS PACTOS DA CONSTITUIÇÃO

A escravidão e o cativo estão relacionados, entre outras coisas, às experiências africanas vivenciadas em terras brasileiras, aos sofrimentos advindos de um sistema opressor (colonial ou pós-colonial), às travessias perigosas e a um modo bem específico de se

relacionar com o sagrado. O cativo e a escravidão, muitas vezes expressos nas cantigas e danças dos congadeiros, não dizem respeito apenas à condição de vítima dos negros, mas também, evocam os negros escravizados como agentes de transformação social. Assim, eventos críticos, nos termos de Veena Das (1995) são constantemente ressignificados.

Experiências traumáticas como o cativo são ativadas de diferentes formas na produção e reprodução dos referenciais de identificação. O cativo é, nesse sentido, uma metáfora para falar de desigualdade, dor e tristeza; é também uma forma de ratificar o sofrimento dos negros. Essa ideia genérica do tempo do cativo acrescida da fé em Nossa Senhora Rosário possibilita que os congadeiros atualizem a saga de seus santos devocionais e de seus ancestrais, a saber, aqueles que lutaram pela festa e são considerados ícones para os mais novos (Silva, 2007).

Atualizar periodicamente as histórias da aparição de Nossa Senhora do Rosário e sua predileção pelos negros, transformando-os em *filhos do rosário*, instaura um sentimento de igualdade entre os congadeiros e a sociedade a que pertencem. Conduzir os louvores a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito é uma forma de produzir distinção e uma demonstração do manejo às coisas sagradas. Lembrar e celebrar ritualmente esse evento é cultivar uma memória do cativo transformadora e restauradora da autoestima dos descendentes dos escravizados (Costa, 2006)

Cada irmandade possui uma trajetória específica de gênese e consolidação, mas é possível identificar na historiografia um conjunto de aspectos semelhantes que as aproxima enquanto instituição. Os aspectos que definem as Irmandades Negras ganham vida e corpo quando inseridas em cenários específicos. No caso de Ituiutaba, os relatos indicam que os louvores a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, materializados na forma de um terno, são anteriores à criação da irmandade, que é a institucionalização posterior dessas práticas. O trecho do inventário de proteção do acervo de cultura de Ituiutaba sintetiza bem o cenário:

No início da década de 50, com o objetivo de reestruturar o movimento de congada - as que já existira em Ituiutaba, o senhor Marciano Silvestre da Costa, com seus filhos Demétrio Silva da Costa, Geraldo Clarimundo da Costa, juntamente com Ana Carolina Ribeiro (Dona Rosa), sobrinha do senhor Marciano (devota fervorosa de N^a S^a do Rosário e São Benedito), dirigiram-se ao vigário da época de nossa cidade Padre João Avi, da Igreja Matriz de São José para pedir permissão e orientação para que os ternos de congadas pudessem voltar a funcionar, junto à igreja e arrecadar

donativos para realizar a Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário no mês de novembro e também construir uma capela para São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Essa permissão só foi concedida depois de um longo período de preparação com: conversões, casamentos de casais que só eram casados no civil, batizados de crianças, jovens e adultos, crismas e primeira comunhão de todas as pessoas, que se interessasse em ingressar na Irmandade de São Benedito. No dia 13 de maio de 1957 foi fundada a Irmandade de São Benedito, conforme a Ata de Fundação, contida no Livro 01 à página 01 do Livro de Atas desta Irmandade e registrado em cartório, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais de 16/04/1964 e estatuto reformulado em 22 de março de 1990. (...) Por sugestão do Padre João Avi, desde 1957 as festas da Irmandade passaram a ser realizada no dia 13 de maio ou no domingo mais próximo, aproveitando a data da “abolição da escravatura negra” no Brasil e em homenagem ao glorioso São Benedito, pois o mês de novembro a paróquia já realizava muitas festividades religiosas.

(Inventário de Proteção do Acervo Cultura de Ituiutaba MG – Patrimônio Imaterial⁴⁰⁷)

As práticas congadeiras anteriores a criação da irmandade na década de 50 são reconhecidas, mas não comentadas com afinco. Os mais velhos comentam que antigamente os festejos e a criação dos ternos aconteciam nas fazendas próximas ao que hoje chamamos de Ituiutaba (Naves e Katrib, 208), mas não dão detalhes desse período. O movimento de retorno das práticas congadeiras em Ituiutaba ocorre na década de 50.

A título de síntese pode-se afirmar que as práticas congadeiras em Ituiutaba são retomadas na década de 50 pelos irmãos Cizico e Geraldo, com a criação respectiva dos ternos Camisa Rosa e Camisa Verde. Entre 1953 a 1956 os festejos ocorreram sem a criação da irmandade, já que esta é de 1957. Após a criação da irmandade os praticantes da congada intensificaram os esforços para construção da capela de São Benedito. Com lucros obtidos das quermesses realizadas, a irmandade comprou um terreno (1968) aonde foi construída através de trabalho coletivo voluntário (mutirão) uma capela para São Benedito (1971).

O aceite e a inserção da irmandade, seus ternos e práticas, assim como outras manifestações populares no calendário oficial da igreja católica devem ser pensados à luz das discussões que culminaram como o Concílio Vaticano II. Nessa reunião da alta hierarquia

⁴⁰⁷ O dossiê sobre a história da Irmandade e seus ternos foi baseado em entrevistas, documentos da Irmandade de São Benedito, registros iconográficos e informações do acervo cultural. Tal dossiê foi desenvolvido pela Equipe Técnica da Fundação Cultural de Ituiutaba – MG pautou o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Ituiutaba na efetivação Registro da Irmandade de São Benedito e dos Ternos de Congo no Livro de Registro das Celebrações do Município.

católica, realizada em 1962, ocorreram debates e foram elaboradas estratégias que buscavam tornar a igreja católica mais inclusiva. Através da construção de um discurso que se pretendia mais plural, não só foram inseridas no calendário do catolicismo as festas populares, como também foram permitidas suas louvações dentro das igrejas. Entretanto, não se pode perder do horizonte que os foliões/brincantes/irmãos beneditinos precisaram se adequar ao *modus operandi* das práticas oficiais de se relacionar com o sagrado.

A assimilação das festas populares, e aqui trato da congada, pelo catolicismo deu visibilidades às celebrações que até então ocorriam de forma sigilosa, mas com essa publicidade, o modo de realizar as festas recebeu outros contornos que levam em consideração as sensibilidades dos não congadeiros. Os processos que possibilitaram a criação da irmandade em Ituiutaba recebem distintas interpretações internas. Ora a suposta identidade católica é focada; ora os aspectos da cultura afro-brasileira. Mas em todo caso após sua constituição, a irmandade passou a atuar como administradora da festa: estabelecendo as regras para a criação dos novos ternos; liderando as tomadas de decisões; atuando em questões ligadas à liturgia da festa (croqui da praça: definição do início das apresentações, tempo destinado a cada terno, posição do palco, da plateia, etc.); à gestão do sagrado e ao envolvimento dos ternos com a fé católica. Pontos como esses são alvos de discussões calorosas nas reuniões da irmandade, pois nem sempre há consenso nas decisões.

A congada pode ter vários significados (simultâneos, inclusive) para seus praticantes, assim como o público é mobilizado por diversos motivos, e por isso, atribuir este ou aquele predicativo à congada é reduzir demais a complexidade e os significados do fenômeno. A esse respeito, é preciso mencionar, ainda, que as práticas congadeiras têm sido experimentadas contemporaneamente, fora do tempo e espaço da festa propriamente dita. Tais como as atividades dos projetos Petizada na Congada⁴⁰⁸ e o Terno de Congo Filhos da Luz, desenvolvidos não apenas, mas também, com incentivos de políticas públicas. O primeiro dos projetos citados foi proposto pelas lideranças da Irmandade e o segundo, idealizado por um membro do terno mais novo de Ituiutaba, o Congo da Libertação. Os dois projetos estão relacionados à profissionalização, educação e à valorização das práticas congadeiras.

⁴⁰⁸ Petizada significa criançada/meninada.

Essas iniciativas buscam legitimar narrativas sobre a congada pautadas em clivagens do passado. As recordações do tempo antigo, das lutas por aceitação da festa na cidade e, até mesmo, o tempo do cativo são acionadas na construção das identidades que se constroem e reconstroem no diálogo com a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

A combinação entre o desempenho ritual que envolve entre outras coisas gestualidade, – música e demonstração de fé – e o conjunto estético – roupas, adereços, combinação de cores e penteados, por exemplo – atuam diretamente nas apreciações que os ternos recebem dos congadeiros e dos não congadeiros. Esse prestígio ritual, adicionado à memória dos fundadores e ao lugar ocupado pelas chamadas culturas afro-brasileiras no cenário nacional são mobilizadores usados pelas lideranças dos ternos e da Irmandade para reivindicar direitos, apresentar projetos e solicitar espaço no calendário cultural da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas práticas congadeiras de Ituiutaba os mais jovens se apresentam como defensores da tradição. Advogam a retomada do modo antigo de viver e fazer a congada. Não aquele instituído a partir do condicionamento da igreja católica na década de 50, mas sim do que eles chamam de raízes (danças, músicas mais próximas do universo das religiosidades afro-brasileiras). Os mais experientes os que viveram os conflitos da década de 50 se colocam como portadores da tradição, não daquela defendida pelos mais jovens, mas aquela pautada na fidelidade aos preceitos do catolicismo.

De um lado, os mais novos difundem o discurso de —volta às origens| evocando o restabelecimento de vínculos com a —África| imaginada, produzida e reproduzida nas congadas. Do outro lado, os mais velhos lutam pela continuidade do formato atual e legitimado da festa fortemente pautado nos preceitos do catolicismo. Então cabe perguntar: quais os complexos semânticos acionados com o uso do termo tradição? Nos dois casos o que está em jogo é a defesa de procedimentos e crenças concebidos como verdade. Nas orlas desta disputa geracional e cosmológica os projetos contemporâneos de congada são construídos e entram em disputa.

Nas duas situações a volta às origens, está relacionada a um desejo de manter e expandir o acesso às inovações técnicas buscando usufruir de certos benefícios do cenário sociopolítico atual. Para Sahlins iniciativas políticos-culturais pelo direito a tradição são antes expressões locais de um fenômeno mundial. Nas palavras do autor:

Esse tipo de autoconsciência cultural, conjugado à exigência política de um espaço indígena dentro da sociedade mais ampla, é um fenômeno mundial característico do fim do século XX. As antigas vítimas do colonialismo e do imperialismo descobriram sua —cultural Por muito e muito tempo os seres humanos falaram cultura sem falar em cultura — não era preciso sabê-lo, pois bastava vivê-la. E eis que de repente a cultura se tornou um valor objetivado, e também o objeto de uma guerra de vida ou morte. Não se deve atribuir aos antropólogos e assemelhados toda a culpa ou mérito por esse interesse e respeito inéditos pelas culturas nativas. Muitos povos foram antropologizados durante décadas sem que por isso objetivassem e celebrassem sua cultura; e muitos outros vieram a se tornar conscientes de sua cultura sem o auxílio da antropologia. A —cultural — a palavra mesma ou algum equivalente local — está na boca do povo, sobretudo no contexto das forças nacionais e globais que ameaçam os modos tradicionais de existência do(s) povo(s). (Sahlins, 1997, p.127)

O que tem ocorrido nas práticas congadeiras, não é algo exclusivo. Pelo contrário, é um caso de uma tendência do século XX: a cultura se objetiva e torna-se um meio de inserção em mundo cada vez mais globalizado. Cultura, patrimônio, tradição, *kastom* e *adat*, são alguns dos termos usados por coletivos que se afirmam portadores de práticas ancestrais, sagradas e representativas de coletivos.

A plasticidade, o traquejo e a capacidade de negociar são continuidades entre o formato das irmandades (e suas práticas congadeiras) do período colonial e as contemporâneas. No passado, as irmandades eram constituídas basicamente por leigos, inclusive nos cargos de direção. Mas estavam submetidas, pelo menos formalmente, ao Estado e a igreja católica. Nos dias atuais as irmandades, bem como a direção da instituição também são redutos leigos e a negociação entre os poderes instituídos – Estado (na figura da prefeitura) e igreja ainda são recorrentes. Tanto no passado, quanto contemporaneamente, é recorrente a interferência dos párocos nos assuntos internos da irmandade, pois —a gestão dos bens sagrados, que são simbólicos, permitia aos administradores o controle das representações e das práticas religiosas, imprimindo-lhes um *„habitus“*, ou seja, um princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações|| (Borges, 2005, p.77).

BIBLIOGRAFIA

- BORGES, Célia Maia. 2005. Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais - séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
- BOSCHI, Caio César. 1986. Os Leigos e o Poder: Irmandades leigas e políticas colonizadoras em Minas Gerais. São Paulo: Editora Ática.
- COSTA, P. T. M. 2006. As Raízes da Congada: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília.
- DAS, VEENA. 1995. Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India. New Delhi: Oxford University Press.
- FOUCAULT, M. 1979. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- NAVES, Fernanda Domingos; KATRIB, Cairo. 2008. “Cultura, identidade e religiosidade: Mapeamento e reconstrução histórica dos ternos de Congada da cidade de Ituiutaba – MG”. 4ª Semana do Servidor e 5ª Semana Acadêmica. – UFU 30 anos. <https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/IC2008-0391.PDF>
- PERES, Lea Freitas. 2000. Brasil 500 anos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial dos Poderes do Estado pp. 40-58.
- QUINTÃO, A. A. 2002. Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência. (1870-1890). São Paulo: Annablume- FAPESP.
- REIS, João José. 1996. A morte é uma festa. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAHLINS, Marshall. 1990. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. _____.
1997. “O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção” (parte I). *Mana – Estudos de Antropologia Social*; 3(2):103-150.
- SANTOS, Boaventura de Souza. 1993. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social. Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5 (1-2): 31-52.
- SOUZA, M. M. 2001. Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroação do rei Congo. Belo Horizonte: UFMG.
- SCARANO, Julita. 1975. Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII. São Paulo: Nacional.
- SILVA, Renata Nogueira da 2007. Festa do Rosário: Encruzilhada de Significados. Goiânia. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás.